

Bínubo ou Binúbo?

Dr. Alexandre Correia

Tal o título de um pequeno artigo publicado pelo saudoso professor da Faculdade de Direito de São Paulo, o doutor Raphael Corrêa da Silva, na extinta *Gazeta Jurídica* (vol. IX, 1895, pags. 13-15), no qual conclui ser *bínubo*, com o acento tónico na antepenúltima, a exacta pronúncia dêsse vocábulo.

Ora, parece-me de todo insustentável o raciocínio do illustre mestre para chegar a essa conclusão. Na minha modesta opinião, a palavra é paroxítona — *binúbo* e não, proparoxítona — *bínubo*. O que é facil de estabelecer.

Pois, como é sabido, o acento tónico português é regulado pelo latino, em regra geral. Qualquer gramática histórica da nossa língua no-lo ensina. Tomemos, p. ex., a de Ribeiro de Vasconcellos (Lisboa, 1909) e leiamos a pags. 41-2: “O acento tónico, diz, tem importância tão grande na passagem do latim popular para as línguas románicas, que parece ter sido êle o sustentaculo de toda a palavra. A *sylaba tónica* permanece...”. O leitor poderá vêr inúmeros exemplos e maior desenvolvimento do assunto nêsse mesmo logar.

Ora, isto que é geralmente exacto, em se tratando da linguagem popular portuguesa, o é, com maioria de razão e absolutamente, quando se trata de palavras de formação erudita, como é o nosso caso.

O adjetivo *binubus*, com a penúltima longa (cf. p. ex., o dicionário latino de Freund-Theil), foi empregado pela primeira vez pelo escritor *Cassiodoro*, da baixa latinidade (490-583), na sua *Historia Ecclesiastica*, onde lemos o seguinte (9.38, ed. Migne): *Novatiani circa Phrygiam binubos non recipiunt...* Não é, pois, um vocábulo do latim clássico, e é evidentemente um termo erudito formado pelo historiador do 5.º século.

E, sendo assim, podemos concluir imediatamente, em virtude da regra supra referida, sem sombra de dúvida, que a pronúncia correcta do vocábulo é *binúbo*, com a penúltima acentuada, e não, *bínubo*, proparoxítono, como quer Raphael Corrêa.

Todo o vício da argumentação do ilustre e saudoso mestre está em desconhecer êle a existência do vocábulo latino *binubus*. Pois, logo no principio do seu artigo diz: “Nem boa latinidade *nem a decadente jamais usaram essa palavra, que talvez fosse Teixeira de Freitas que primeiro sagrou!*” (grifo meu). E ao terminar o seu estudo afirma, que *binubo* ou *binupto* não tem correspondente em latim.

Partindo dêsse falso pressuposto e observando, (pag. 15), que apesar do verbo simples *nubo* ter a penúltima longa dêle se originaram, contrariamente à regra — *derivata patris naturam verba sequuntur*, i. é, os derivados têm a mesma quantidade que os simples donde procedem — os adjectivos *innuba* e *pronuba*, que deram o português *ínuba* e *prónuba*, proparoxítonos, observando esse facto, daí concluiu, que também devemos dizer *bínubo* e não, *binúbo*, acentuando a penúltima. Mas todo esse arrazoado se esbarronda, desde que mostrámos a existência do latim *binubus*, com a penúltima longa e que evidentemente não pode dar o português *bínubo*, exdrúxulo.

Mas, ainda que não existisse, ao contrário do que acabámos de mostrar acima, o latim *binubus*, ainda, assim a argumentação do sr. Raphael Corrêa seria frágil, como é fácil de ver.

Retomemos a regra que êle próprio enuncia, à pags. 14 do seu artigo: *os compostos seguem a lei dos seus simples*. Ora, qual é o simples, donde vem o português *binúbo* (dando-lhe de barato que não existe em latim *binubus*)? E' o verbo *nubo*, com a penúltima longa. E, portanto, quem quizesse formar a palavra portuguesa *binubo*, por hipótese sem correspondente latino, deveria, obedecendo à regra da derivação, acentuá-la na penúltima — *binúbo* e não, na antepenúltima — *binubo!*

Mas, acode o sr. Raphael (pags. 14-15), os adjectivos *innuba* e *pronuba* (1), com o *u* breve, que deram o português *inuba* e *prónuba*, proparoxítonos, êsses adjectivos nos autorizam também a dizer *binubo*, acentuando a antepenúltima.

Mas, a razão não colhe (sempre na hipótese falsa, que não existe em latim *binubus*) porque as formações latinas *innubus* e *pronuba* e os seus correspondentes exdrúxulos portugueses são *anomalias* (2); e quem quer formar um novo vocábulo deve atender à regra geral de derivação e não, a casos anómalos. E dizer portanto *binúbo*, paroxítono, e não, *binubo*, proparoxítono.

(1) O Sr. Raphael Corrêa dá as formas dos adjectivos *pronubus* e *pronubum* e *innubus a, um* e o verbo *pronubo*, que não existem em latim. Dos adjectivos só há a forma do feminino — *pronuba, innuba*.

(2) O Sr. Raphael fica visivelmente embaraçado, depois de ter enunciado a regra exacta de derivação latina, que leu em Alvarez, por ver que *nubo*, como o *u* longo deu, de um lado e normalmente, *innubo* e, de outro, as formas anómalas *innubus* e *pronubus* (leia-se *pronuba*) com o *u* breve! Mas, não devia se admirar do que é tão freqüente em latim. No mesmo Alvarez veria *dejero* e *pèjero*, derivados de *juro*; *maledicus*, *causidicus*, *veridicus*, etc., derivados de *dico*. E ainda outras anomalias, naturais para quem reflecte que uma língua não se forma geomêtricamente.

O caso de *nubo* que, tendo o *u* longo, deu *pronuba* e *innuba*, com o *u* breve explica-se por paridade com *cumbere* e *cubare*. Como *nubo* vem do vocábulo grego *numphe*, foi sem dúvida a nasal *m*, que, existindo primitivamente no verbo latino e vindo depois a cair, produziu o alongamento do *u* (cf. Bréal, *Dictionnaire Etymologique Latin*, vb. *nubo*; A. Walde, *Lat. etym. Wörterbuch*, id.; Boisacq, *Dict. etym. de la langue grecque*, vb. *numphe*, etc.).

Quanto a explicar a quantidade do *u* em *binubus*, por ser êsse vocabulo equivalente de *bis* + *nuptus*, é obvio que a explicação nada vale.

Mas, desde o momento que em latim existe *binubus*, com a penúltima longa, manter o português *bínubo*, acentuando a ante-penúltima, seria o mesmo que aceitar êste disparate: assim como, em português, devemos dizer *inuba* e *prónuba*, proparoxítonos, porque derivam do latim *innuba* e *pronuba*, com o *u* breve e por tanto proparoxítonos, assim também devemos, em português, pronunciar *bínubo*, proparoxítono, acentuando a antepenúltima, porque (!) deriva do latim *binúbus*, com o *u* longo portanto... *paroxítono!*...

Não haja, pois, a menor dúvida; ou aceitamos as regras certas da derivação latina, que regem o acento tónico português (como aliás as aceita o Snr. Raphael) e então devemos dizer *binúbo*, acentuando a penúltima, ou dizemos, acentuando a ante-penúltima, como quer o Snr. Raphael, *bínubo* e então anarquizamos completamente o que ha de mais seguro em matéria fonética portuguêsá. *Binúbo*, pois, e não, *bínubo*; o que em Aulete, C. de Figueiredo, Gonçalves Viana e outros dicionários se lê, mandando acentuar a ante-penúltima, *bínubo*, constitui pronúncia viciosa.